

## **Cristianismo e diferença: entre a ética da desconstrução e o diálogo inter-religioso**

*Robson da Costa de Souza<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Este artigo examina o *pós-teísmo* como resposta ao colapso dos fundamentos transcendentais da ética e da teologia, propondo um Cristianismo reposicionado como prática ética e política em contextos plurais contemporâneos. A partir da crítica de Slavoj Žižek à *transcendência ética*, argumenta-se que a ausência de garantias últimas abre caminho para uma ética imanente e relacional, articulada pelas noções de *precariedade compartilhada*, de Judith Butler, e *hospitalidade incondicional*, de Jacques Derrida. Por meio de uma análise teórica, avaliam-se as contribuições de Paul Tillich e Leonardo Boff ao paradigma pós-teísta, destacando seu potencial e limitações. Conclui-se que, ao abdicar de sua autorreferencialidade histórica, o Cristianismo pode atuar como agente de justiça e diálogo na esfera pública inclusiva, fundamentada na interdependência e na solidariedade.

**Palavras-chave:** Pós-teísmo; Cristianismo; Ética relacional; Judith Butler; Slavoj Žižek; Diálogo inter-religioso.

### **Christianity and Difference: Between the Ethics of Deconstruction and Interreligious Dialogue**

#### **Abstract**

This article examines post-theism as a response to the collapse of the transcendent foundations of ethics and theology, proposing a repositioned Christianity as an ethical and political practice in contemporary plural contexts. Drawing on Slavoj Žižek's critique of ethical transcendence, it argues that the absence of ultimate guarantees paves the way for an immanent and relational ethics, articulated through Judith Butler's notions of shared precarity and Jacques Derrida's concept of unconditional hospitality. Through a theoretical analysis, the contributions of Paul Tillich and Leonardo Boff to the post-theist paradigm are assessed, highlighting their potential and limitations. It concludes that, by relinquishing its historical self-referentiality, Christianity can act as an agent of justice and dialogue within an inclusive public sphere, grounded in interdependence and solidarity.

**Keywords:** Post-theism; Christianity; Relational ethics; Judith Butler; Slavoj Žižek; Interreligious dialogue.

---

<sup>1</sup> Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), Pernambuco, Brasil. E-mail: robson.souza@ifsertao-pe.edu.br.

## Introdução

“Calvino Distante”, *blog* concebido em plena pandemia, nasceu como laboratório digital de análise do discurso aplicado aos escritos de João Calvino (1509-1564). Partindo de uma abordagem inicialmente derridiana de *desconstrução* — depois enriquecida pela genealogia foucaultiana e pela dialética zizekiana —, o projeto propõe um Calvino distante das leituras dogmáticas que predominam no protestantismo brasileiro.

Ao explorar tensionamentos internos ao discurso teológico calvinista (e revelar camadas de *poder/saber*), o espaço virtual de reflexão teórica abre brechas hermenêuticas para ressignificar categorias centrais do pensamento reformado<sup>2</sup>. Esse percurso experimental constitui o arcabouço que sustenta a presente investigação sobre a interface entre cristianismo e desconstrução, em suas dimensões teórica e prática.

Nesse sentido, o estudo problematiza o papel do cristianismo em um contexto global marcado pelo pluralismo religioso e pela *contestabilidade*, ressaltando sua potencialidade de reposicionar-se como um agente ético e discursivo relevante frente à sociedade pós-secular<sup>3</sup>. Tal reposicionamento evidencia sua aptidão para dialogar com as demandas contemporâneas por justiça, hospitalidade e pluralidade, respondendo, assim, aos desafios impostos por um mundo em constante transformação.

---

<sup>2</sup> Desde 2020 o blog publicou 39 ensaios, inspirando três artigos acadêmicos (Souza 2020; Souza; Silva 2022, 2023) e um quarto em avaliação. Esses resultados atestam a relevância interdisciplinar do projeto e seu potencial de impactar debates sobre teologia política, formação de subjetividades religiosas e estruturas de poder eclesiásticas.

<sup>3</sup> Embora a análise teórica deste artigo dialogue com perspectivas provenientes de diversas tradições cristãs, os exemplos empíricos mencionados concentram-se, em sua maioria, em contextos ligados ao campo reformado/calvinista. Essa escolha decorre tanto da familiaridade do autor com esse universo quanto da intenção de ilustrar, de forma concreta, o desafio ético da *diferença* em práticas contemporâneas. Não se pretende, portanto, esgotar a diversidade cristã — o que seria inviável nos limites deste *paper* —, mas oferecer uma contribuição situada, a partir de uma abordagem particular.

Nesse contexto, dialoga-se com a sociologia weberiana (Pierucci, 2003; Weber, 2004) e com autores mais recentes (Smith, 2021; Taylor, 2010), destacando as ambivalências do processo de secularização. Os deslocamentos da religiosidade contemporânea (subjetivação das crenças, desencantamento/ reencantamento do mundo, hibridizações culturais etc.) revelam contradições persistentes na secularidade moderna, demonstrando que as tensões entre *fé* e *razão* continuam moldando discursos e subjetividades (Alves, 1999; Berger, 1985; Casanova, 1994; Durkheim, 1989; Eagleton, 2011, 2016; Gauchet, 2009; Hervieu-Léger, 2008; Willaime, 2012; Žižek; Milbank, 2014).

Metodologicamente, este trabalho utiliza a *análise do discurso* e a teoria pós-estruturalista como ferramentas críticas para examinar as *formações discursivas* que sustentam as articulações teológicas, éticas e políticas do Cristianismo no contexto contemporâneo. A partir das contribuições de E. Laclau e C. Mouffe, essas ferramentas serão empregadas para identificar os antagonismos que estruturam as fronteiras discursivas (“nós”-“eles”), evidenciando as dinâmicas hegemônicas e os processos de exclusão dentro da tradição calvinista<sup>4</sup>.

Além disso, a desconstrução derridiana será mobilizada para tensionar conceitos teológicos cristalizados em dogmas, propondo uma ressignificação ética e pluralista dessas categorias. Essas abordagens teórico-metodológicas fundamentam a investigação das possibilidades de reposicionar o Cristianismo como um *agente* discursivo capaz de dialogar com as demandas por justiça social, pluralidade e hospitalidade na esfera pública.

---

<sup>4</sup> O neocalvinismo contemporâneo apresenta abordagens contrastantes no cenário global e brasileiro. Globalmente, influenciado por Abraham Kuyper e Herman Bavinck, destaca-se pela defesa da “soberania das esferas”, promovendo a autonomia das diferentes áreas da vida social e articulando uma Teologia Pública voltada para justiça social e inclusão. No Brasil, contudo, essa tradição tem sido parcialmente apropriada por forças conservadoras, que reinterpretem seus princípios para sustentar agendas políticas reacionárias. Esse movimento reflete um afastamento do potencial emancipador original do neocalvinismo, frequentemente resultando na legitimação de projetos excludentes e hierarquizantes.

Como objetivos específicos, o artigo propõe: (1) discutir o impacto da crítica pós-estruturalista, especialmente inspirada em J. Derrida, sobre os fundamentos metafísicos da teologia cristã; (2) analisar a noção de *pós-teísmo* como uma resposta ao colapso dos fundamentos transcendentais; e (3) investigar como a desconstrução pode reposicionar o Cristianismo como um agente ativo na esfera pública, promovendo o diálogo inter-religioso e desafiando as hierarquias normativas que historicamente estruturaram as práticas eclesiais.

Dessa forma, o texto articula uma crítica fundamentada e propositiva, reposicionando o Cristianismo em um horizonte ético e político em constante transformação<sup>5</sup>. Ao dialogar com autores como J. Derrida, S. Žižek, J. Butler, P. Tillich e L. Boff, o artigo explora contribuições teóricas indispensáveis para uma prática teológica e discursiva que responde às complexidades da *modernidade tardia*. Essas reflexões destacam a relevância do Cristianismo no enfrentamento de desafios contemporâneos, como a exclusão social, o pluralismo religioso e a contestabilidade das crenças.

### **1. A desconstrução como ferramenta teórica: crítica aos fundamentos metafísicos da teologia cristã**

No contexto da crítica pós-estruturalista à tradição metafísica ocidental, Jacques Derrida (1930-2004) desenvolve a desconstrução como uma ferramenta filosófica destinada a analisar as estruturas e hierarquias subjacentes ao pensamento ocidental. Entre os principais alvos de sua crítica está o que ele denomina *fonocentrismo*, ou seja, a preferência histórica da tradição ocidental pela *fala* em detrimento da *escrita* (Cf. Habermas, 2000).

---

<sup>5</sup> As ideias iniciais deste artigo foram discutidas entre pares em uma *live* realizada no *YouTube* (Dantas, 2024). Além disso, os argumentos apresentados foram previamente publicados na forma de *preprint* no *ResearchGate*, sob o título: “Cristianismo e desconstrução: fé, diferença e esfera pública em perspectiva teórica e prática” (Souza, 2024).

Essa hierarquia privilegia a fala como manifestação de uma suposta presença imediata da verdade (*metafísica da presença*), vinculando-se à *logocentralidade*, a busca por uma origem última e autossuficiente do sentido. Derrida, em vez de aceitar essas categorias como naturais ou necessárias, propõe expor suas aporias, revelando a instabilidade inerente às oposições binárias que estruturam o pensamento metafísico (Cf. Williams, 2012).

Analisando as implicações desta discussão, Habermas (2000) vê a desconstrução derridiana como crítica valiosa, mas aponta que sua radicalidade ameaça as bases normativas da razão e do consenso democrático. Assim, a crítica habermasiana à desconstrução repousa em sua defesa da *razão comunicativa* como eixo central do discurso democrático e normativo (Habermas, 2012). Derrida, contudo, refuta essa visão, insistindo que sua crítica não busca destruir a razão, mas ampliá-la, incorporando dimensões éticas e políticas que historicamente foram marginalizadas<sup>6</sup>.

Derrida não rejeita a racionalidade como tal, mas propõe uma reconceituação de suas bases. Sua crítica ao fonocentrismo desmantela a ideia de que a linguagem pode ser reduzida a uma correspondência estável entre palavras e significados. Em seu lugar, Derrida introduz o conceito de *différance*, que sublinha o caráter *diferido* e instável do sentido, demonstrando como a linguagem opera em um campo de tensões que impossibilita qualquer fixação final (Cf. Williams, 2012).

Aqui cabe a seguinte observação: o debate entre Derrida e Habermas sobre a desconstrução e o fonocentrismo revela tanto suas divergências quanto suas convergências, diferenciando-se substancialmente das perspectivas reativas

---

<sup>6</sup> Nessa perspectiva, essa abertura do sentido não é um obstáculo, mas uma condição para a emergência de uma ética que privilegie a responsabilidade diante da alteridade e da hospitalidade incondicional, contrapondo-se às pretensões universais e excludentes da *racionalidade instrumental*.

predominantes na teologia conservadora<sup>7</sup>. Habermas mantém seu compromisso com a razão comunicativa como fundamento da normatividade democrática, enquanto Derrida propõe uma ética que emerge da desconstrução das hierarquias discursivas e da abertura radical ao Outro. Embora suas abordagens divirjam em aspectos fundamentais, ambos compartilham uma preocupação central com os desafios éticos e políticos da modernidade. Esse diálogo continua a iluminar debates filosóficos sobre o papel da razão, a crítica à tradição e as condições para a construção de formas mais inclusivas de convivência social.

As implicações éticas do debate sobre o estatuto filosófico da razão moderna encontram expressão direta na relação entre o Cristianismo e a (pós)-secularidade, especialmente quando analisadas à luz da obra de Charles Taylor<sup>8</sup>. Em sua análise seminal apresentada em *Uma Era Secular* (Taylor, 2010), o autor investiga como a modernidade transformou profundamente as condições de crença, rompendo com estruturas homogêneas que outrora sustentavam a *hegemonia* religiosa e instaurando um contexto caracterizado pela pluralidade e pela contestabilidade. Essa configuração, que Taylor define como a condição da *secularidade 3*, impõe desafios tanto à razão moderna quanto ao Cristianismo, exigindo que ambos reconfigurem suas práticas discursivas e éticas para responder às novas condições históricas e culturais (Smith, 2021).

---

<sup>7</sup> Correntes teológicas conservadoras tendem a associar a desconstrução à relativização de valores. No contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), p. ex., o pós-estruturalismo tem sido tratado como tema teológico e pastoralmente relevante, sendo incluído, junto a outras correntes como o darwinismo e o psicologismo, nas deliberações do Supremo Concílio (decisão CLXV/2022). Em 2024, a CE-SC/IPB prorrogou os estudos até 2026 (documento CLIX), visando à elaboração de cartas pastorais. Em 2025, o documento CXXVI reafirmou o compromisso e o rigor da comissão responsável, evidenciando o esforço da IPB em lidar com correntes filosóficas contemporâneas dentro de um marco doutrinário próprio.

<sup>8</sup> A obra *Como (não) Ser Secular: Lendo Charles Taylor* (2021), de James K. A. Smith, sintetiza os complexos conceitos de *Uma Era Secular* (2010), de Charles Taylor, explorando os três sentidos da *secularidade*: a pluralização institucional (*secularidade 1*), o declínio da prática religiosa (*secularidade 2*) e a contestabilidade universal das crenças (*secularidade 3*). Este último apresenta a *secularidade* moderna como um campo plural no qual crença e descrença coexistem como opções igualmente viáveis, refletindo a contínua negociação de significados e valores. Taylor, contudo, diferencia-se de abordagens pós-estruturais ao sustentar que essa contestabilidade ocorre dentro de quadros culturais que estruturam as condições para a reconfiguração das crenças.

Para Taylor, a *secularidade* não pode ser reduzida a um simples *declínio da religião* (ou à sua rejeição à esfera privada), conforme argumenta Weber (2004). Em vez disso, ela inaugura um espaço no qual crenças religiosas e seculares coexistem como opções igualmente viáveis e *contestáveis*, configurando um campo discursivo plural e dinâmico. Nesse contexto, a razão moderna perde a prerrogativa de reivindicar um fundamento absoluto e universal, enquanto o Cristianismo já não pode operar sob a premissa de um monopólio ético ou espiritual.

Consequentemente, a pluralidade e a contestabilidade das crenças exigem que o Cristianismo desenvolva a capacidade de engajar-se criticamente com outras formas de vida e sistemas de valores, sem comprometer sua identidade. Esse engajamento, no entanto, requer uma reinterpretação contínua de seus princípios éticos, permitindo um diálogo efetivo com a diferença.

A desconstrução, nesse sentido, complementa o diagnóstico de Taylor ao revelar as construções históricas que sustentam as pretensões universalizantes da modernidade e da religião, demonstrando como essas estruturas podem ser rearticuladas de forma inclusiva e dialógica<sup>9</sup>. O Cristianismo, ao reconhecer a pluralidade intrínseca ao campo discursivo pós-secular, pode posicionar-se como um agente de hospitalidade e diálogo, promovendo uma ética que valorize a diferença sem renunciar aos seus valores fundamentais.

Essa postura reforça não apenas a relevância do Cristianismo no espaço público, mas também contribui para a renovação desse espaço como um *locus* de convivência democrática e aberta. Operando na interseção entre *fé* e *razão* (Eagleton, 2011), o Cristianismo pode responder de forma crítica às demandas da

---

<sup>9</sup> Em Butler *et al.* (2011), Taylor critica abordagens convencionais que veem o secularismo principalmente como uma resposta à dominação religiosa, defendendo, em vez disso, um modelo que equilibre as reivindicações concorrentes de diversas visões de mundo, tanto religiosas quanto não religiosas. A visão de Taylor destaca a especificidade contextual e histórica necessária na formulação de arranjos seculares, enfatizando o respeito mútuo e a igualdade entre comunidades diversas. Sua análise enriquece os debates sobre a coexistência de perspectivas religiosas e seculares na esfera pública.

modernidade tardia, reinventando-se como uma tradição ética que participa ativamente na construção de uma sociedade mais justa e plural.

Adicionalmente, tanto Jürgen Habermas quanto Charles Taylor oferecem reflexões significativas sobre a transformação do papel da religião na esfera pública (e suas implicações éticas e políticas), particularmente em contextos marcados pela pluralidade e pela contestabilidade das crenças (ver Butler *et al.*, 2011). Aqui, Habermas defende a relevância das tradições religiosas no discurso público e a necessidade de *traduzir* seus conteúdos éticos para uma linguagem secular acessível, integrando-os às democracias pluralistas sem comprometer a igualdade e a neutralidade do Estado.

Taylor, por sua vez, complementa esse debate ao argumentar que o secularismo não deve ser entendido como um mecanismo para marginalizar a religião, mas como uma estrutura que possibilita a coordenação de diferentes bens fundamentais, como liberdade, igualdade e pluralidade. Ele sugere que as democracias modernas abordem a crescente diversidade interna de maneira contextual, respondendo às demandas tanto religiosas quanto não-religiosas sem privilegiar nenhuma delas. Essa abordagem reforça a necessidade de uma ética cristã que seja flexível e dialógica, capaz de interagir criticamente com outras tradições e perspectivas em um campo de disputa comum.

Com base nessa fundamentação teórica, é possível avaliar as implicações éticas mais amplas do debate sobre razão moderna e pós-secularidade para o Cristianismo. Essas implicações residem, principalmente, na capacidade do Cristianismo de se rearticular como uma tradição que dialoga criticamente com o pluralismo (Hick, 2005; Cavalcante, 2010; Reblin; Sinner, 2016), promovendo valores de justiça, hospitalidade e respeito à diferença.

Dessa forma, o Cristianismo pode atuar ativamente na construção de um espaço público mais inclusivo e democrático, alinhando-se às exigências éticas e práticas da modernidade tardia. Essa articulação requer não apenas abertura à diferença, mas também um esforço contínuo de tradução de seus princípios para

contextos em transformação, reafirmando sua relevância como interlocutor nos debates cruciais da esfera pública contemporânea.

Nesse horizonte teórico, a desconstrução destaca a alteridade como constitutiva da teologia, desafiando pretensões totalizantes e convocando-a a aceitar a incompletude como característica produtiva de seu discurso. Essa perspectiva exige que a teologia se reconfigure como um processo inacabado, em constante diálogo com a diferença e responsivo às demandas éticas e políticas contemporâneas. A transformação do discurso teológico passa, assim, pela celebração da pluralidade e pela rearticulação contínua de seus pressupostos e práticas, configurando uma teologia aberta à renovação e adaptada às complexidades éticas e culturais da modernidade tardia.

## **2. Resignificação das categorias teológicas tradicionais: A “ontologia modal” como crítica da biopolítica contemporânea**

O debate sobre diferença e desconstrução encontra aprofundamento ao dialogar com a ontologia modal de Giorgio Agamben, destacando como as estruturas ontológicas tradicionais podem ser resignificadas para abrir espaço à pluralidade e à diferença. Essa convergência teórica emerge na exploração das relações entre estruturas ontológicas tradicionais e a abertura a dinâmicas de pluralidade e diferença, desafiando as hierarquias fixas que historicamente sustentaram essas tradições discursivas.

Em *O Uso dos Corpos*, Agamben apresenta uma crítica desconstrutiva às estruturas ontológicas que fundamentaram a filosofia ocidental, analisando como as relações entre linguagem, ser e poder moldaram formas específicas de existência humana (Agamben, 2015). Ele identifica a noção de *hipóstase* como um dispositivo central nesse processo, inicialmente formulado pela filosofia neoplatônica e posteriormente reformulado na teologia trinitária cristã.

Embora a hipóstase tenha buscado equilibrar unidade e multiplicidade, Agamben argumenta que sua configuração frequentemente reforçou dispositivos

de controle, hierarquizando *modos de ser* e reduzindo a alteridade a uma funcionalidade subordinada. A teologia trinitária, ao conceber uma unidade substancial entre Pai, Filho e Espírito Santo, estruturou-se sobre distinções ontológicas que reconhecem cada pessoa divina como singular, mas inseparável na substância divina.

No entanto, João Calvino, em suas *Institutas da Religião Cristã* (1559), propõe uma compreensão que transcende o uso instrumentalista dessas distinções. Segundo o reformador franco genebrino, a doutrina da Trindade deve ser entendida como uma comunhão essencial e indivisível, na qual cada pessoa — o Pai como *princípio*, o Filho como *gerado eternamente* e o Espírito Santo como aquele que *procede do Pai e do Filho* (Institutas, I.13.18) — participa plenamente da substância divina. Essa visão, ao resistir à instrumentalização funcionalista, enfatiza a unidade como uma dinâmica relacional que se opõe a qualquer lógica de subordinação (Institutas, I.13.17, 20, 23)<sup>10</sup>.

Ao conectar essa discussão ao debate sobre diferença e alteridade, observa-se que a desconstrução das hierarquias ontológicas associadas às hipóstases trinitárias oferece uma abertura para uma teologia que reconhece a pluralidade como constitutiva de sua própria estrutura. Essa interseção entre a desconstrução e a valorização da diferença sugere uma teologia que, além de reconhecer sua incompletude, se compromete proativamente com práticas éticas de inclusão e acolhimento incondicional.

Esse deslocamento teórico se consolida na leitura que Agamben (2019) apresenta em *Signatura Rerum: Sobre o método*. Nessa obra, o autor reconceitua o

---

<sup>10</sup> Leonardo Boff, em *A Santíssima Trindade é a Melhor Comunidade*, e Jürgen Moltmann, em *Trindade e Reino de Deus*, desenvolvem reflexões que convergem com a proposta de ressignificação teológica apresentada neste artigo. Ambos argumentam que a doutrina trinitária, mais do que uma formulação dogmática, constitui um paradigma ético para a organização comunitária e a justiça social. Boff (2000, p. 42) enfatiza a *pericórese* — a interpenetração mútua das pessoas da Trindade (“cada Pessoa mora na outra”) — como modelo de igualdade e inclusão, enquanto Moltmann (1980) explora a dimensão escatológica da Trindade como base para uma ética de libertação e hospitalidade. Ao enviar o Espírito, o Pai, por meio do Filho, revela uma Trindade “aberta para mundo, aberta ao tempo, aberta à renovação e à reunificação de toda a criação” (1980, p. 137).

*paradigma*, deslocando-o de seu uso científico-linguístico habitual (e projetando-o para os níveis ontológico e epistemológico). O paradigma torna-se, assim, um eixo crítico das categorias ontológicas clássicas, mostrando que a normatividade é provisória: pode ser suspensa e, nesse hiato, abrir espaço para o inédito. Quando transposta para a teologia — especialmente nos debates sobre diferença e alteridade —, essa noção oferece um caminho para compreender a prática teológica como processo aberto, dinâmico e transformador<sup>11</sup>.

Esse debate encontra ainda maior densidade quando articulado à reflexão de Calvino sobre a *revelação divina*. Em suas *Institutas* (1559), Calvino compreende a revelação como um ato de acomodação divina, em que Deus adapta-se às limitações humanas para comunicar-se (*Institutas*, I.13.1-3). Essa linguagem divina, expressa no *Verbum Dei*, é simultaneamente um meio de acesso à vontade de Deus e uma indicação dos limites do conhecimento humano. Calvino descreve a revelação como um movimento que desvela e oculta, no qual a *apofaticidade* se torna elemento estruturante: o que é comunicado pela revelação aponta sempre para o que permanece inacessível<sup>12</sup>.

Giorgio Agamben, em *A Potência do Pensamento*, propõe que a linguagem, enquanto veículo da revelação, é também o limite do conhecimento humano. Ele descreve a revelação como manifestação da própria linguagem, que, ao desvelar, oculta sua estrutura primordial. Para Agamben (2015), o *Logos* é meio e conteúdo da revelação, oferecendo não um conhecimento fixo, mas a condição de possibilidade do saber. Tal perspectiva dialoga com a concepção calvinista de que

---

<sup>11</sup> Agamben (2019), em diálogo com Kuhn, Foucault e Heidegger, entende o *paradigma* como estrutura que estabiliza e transforma o conhecimento simultaneamente, operando em tensão entre normalização e ruptura. Em sua obra, o paradigma revela condições ocultas que moldam e restringem o pensamento ocidental moderno, expondo a realidade como espaço aberto de potencialidades.

<sup>12</sup> Aqui, a doutrina da predestinação, frequentemente apresentada como um dos maiores mistérios da fé, exemplifica essa tensão, sendo um desvelamento suficiente para a fé, mas inalcançável à razão humana (*Institutas*, III.21.4).

a revelação divina, ao acomodar-se à linguagem humana, aponta para o mistério transcendente sem jamais esgotar a essência divina.

Essa interseção permite articular uma teologia que abandona categorias normativas em favor da diferença como princípio ético e epistemológico. A prática teológica, assim, desloca-se de uma normatividade rígida para uma postura de hospitalidade radical e abertura ao outro. A revelação, como fenômeno comunicativo e limitante, torna-se modelo ético de equilíbrio entre inclusão e singularidade.

Ao unir as críticas de Agamben à normatividade, a concepção calvinista de revelação como mistério velado e a doutrina da Trindade, esta reflexão consolida a desconstrução como ferramenta essencial para a renovação ética e epistemológica da teologia<sup>13</sup>. Esse modelo não apenas ressignifica categorias tradicionais, mas também responde aos desafios éticos e políticos da modernidade tardia, reposicionando a teologia como discurso transformador que dialoga com as tensões de seu tempo e contribui para uma sociedade mais inclusiva.

### **3. O Cristianismo como formação discursiva: pós-teísmo e o reposicionamento ético do cristianismo**

O debate entre Jacques Derrida e Michel Foucault acerca da loucura e da subjetividade constitui uma contribuição teórica fundamental para a compreensão do Cristianismo enquanto discurso, especialmente em diálogo com a crítica de Slavoj Žižek. Em *História da Loucura*, Foucault (2019) analisa como a exclusão da loucura foi um elemento central na constituição do *cogito* cartesiano e na consolidação da razão ocidental, estabelecendo a loucura como o “Outro” que a razão marginaliza para afirmar sua hegemonia normativa. Derrida (2001), em

---

<sup>13</sup> Leonardo Boff (2012), na tradição católica da TdL, relaciona a *kenosis* ao Fiat de Maria (Lc 1:38), destacando-a como modelo de auto esvaziamento e acolhimento à vontade divina. Em *O Rosto Materno de Deus*, Boff interpreta a maternidade de Maria como expressão da dimensão materna de Deus, enfatizando compaixão, hospitalidade e cuidado, ampliando o conceito tradicional de *kenosis* para uma ética relacional e transformadora.

*Cogito e a História da Loucura*, contesta essa leitura ao argumentar que a exclusão da loucura jamais é absoluta, pois esta permanece inscrita no *cogito* como uma possibilidade disruptiva, capaz de desestabilizar sua identidade interna.

Slavoj Žižek (2013), ao revisitar esse debate, argumenta que tanto a exclusão genealógica identificada por Foucault quanto as tensões internas destacadas por Derrida revelam uma falha constitutiva presente em todo discurso. Para Žižek, a *exterioridade* constitutiva (foucaultiana), desvelada pela genealogia, e a *interioridade* contaminada (derridiana), resultante da desconstrução, convergem na exposição de uma negatividade estrutural. Essa negatividade não apenas inviabiliza a estabilização completa do discurso, mas também o configura como um campo intrinsecamente aberto à contestação e à transformação contínuas.

Nesse sentido, a teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2015) complementa essa análise ao conceber o discurso como um campo de articulações contingentes e disputas hegemônicas. Para os autores, todo discurso é caracterizado por sua incompletude constitutiva, na qual os significados são apenas temporariamente estabilizados em contextos históricos específicos. No caso do Cristianismo, isso implica reconhecer suas doutrinas e práticas não como instâncias transcendentais ou fixas, mas como construções discursivas disponíveis ao um campo permanente de (re-)negociações. O conceito de hegemonia, central na obra de Laclau e Mouffe, permite compreender como o Cristianismo consolida determinados significados enquanto exclui outros, produzindo uma aparência de universalidade que, contudo, permanece intrinsecamente aberta à rearticulação.

### **3.1 Genealogia, desconstrução e negatividade cristã**

A partir dessa perspectiva, o Cristianismo emerge como um discurso que transita entre hegemonia e contestação, funcionando como um campo dinâmico onde forças históricas, políticas e culturais interagem para moldar suas práticas e significados. A genealogia foucaultiana, a desconstrução derridiana e a teoria discursiva de Laclau e Mouffe revelam, cada uma a seu modo, como o

Cristianismo é um discurso atravessado por contradições internas e disputas hegemônicas permanentes.

Žižek (2008a, 2014, 2015), ao sintetizar essas abordagens, argumenta que o Cristianismo é caracterizado por uma *negatividade* constitutiva — exemplificada tanto pelo dilema de Jó (“assombro de Job perante a loucura caótica do universo criado”) quanto pela figura de um Deus que, em uma *kenosis* (κένωσις) redobrada (sob a forma de uma negação ontológica autorreferente), parece, em determinados momentos, adotar uma postura próxima ao ateísmo: a alienação do ser humano em relação a Deus “deve coincidir com a alienação de Deus em relação a si mesmo” (Žižek, 2008a, p. 46; Žižek; Gunjević, 2015, p. 143).

A propósito, essa negatividade impede que o Cristianismo se cristalize como um sistema estático, assegurando sua capacidade de transformação contínua. A tensão entre sua historicidade e sua abertura ao novo emerge, portanto, como o fundamento de sua relevância, permitindo que o Cristianismo se reinvente constantemente em resposta às demandas impostas por diferentes contextos históricos e culturais. Dialeticamente, permite, também, a emergência da subjetividade moderna: “a passagem de Substância para Sujeito deve ocorrer dentro do próprio Deus” (Žižek; Gunjević, 2015, p. 143).

Ao reconhecer sua natureza discursiva, o Cristianismo pode reposicionar-se como um espaço de contestação permanente, dialogando criticamente com questões éticas, políticas e sociais contemporâneas. Esse reposicionamento exige o abandono da pretensão de universalidade estática em favor de uma abertura à pluralidade e ao diálogo, em que significados e práticas são constantemente renegociados. Tal abordagem permite também desconstruir o poder eclesiástico tradicional, entendendo as instituições cristãs não como monolíticas, mas como arenas de luta hegemônica, sujeitas a tensões internas e externas.

Ao integrar essas perspectivas — genealogia, desconstrução e dialética/*paralaxe* — o Cristianismo se revela não como um repositório de verdades transcendentais, mas como um interlocutor crítico e dinâmico. Essa postura, longe

de fragilizar sua identidade, reafirma sua relevância em um mundo plural e democrático, promovendo justiça, inclusão e diálogo ao engajar-se ativamente com as demandas contemporâneas.

Nesse contexto, o conceito de pós-teísmo pode ser interpretado como uma resposta ao colapso dos fundamentos transcendentais que, historicamente, sustentaram a ética e a teologia. Slavoj Žižek, ao explorar, em termos lacanianos, a morte do grande *Outro*, argumenta que a ausência de uma instância transcendental desestabiliza a legitimidade de princípios éticos fundamentados em ontologias estáveis (cf. Žižek, 2013). O pós-teísmo, porém, não se limita à rejeição desses fundamentos tradicionais; ele propõe a reconstrução da ética em bases imanentes, valorizando o potencial transformador das relações concretas e das dinâmicas sociais.

Butler (2020) complementa essa perspectiva destacando precariedade e interdependência como fundamentos para uma ética relacional que desafia desigualdades estruturais. Sua crítica ao universalismo abstrato oferece um deslocamento teórico essencial para lidar com a ausência de garantias transcendentais, ressignificando a ética como uma prática relacional e situada. Nesse sentido, Butler propõe uma abordagem ética que, em vez de buscar bases metafísicas fixas, emerge das complexas interações sociais e das condições históricas que moldam a vida em comum<sup>14</sup>.

Aqui, a discussão em torno do pós-teísmo pode ser enriquecida por uma análise crítica das estratégias contemporâneas de ressignificação dos conceitos teológicos. Paul Tillich, por exemplo, ao introduzir a noção de “Deus acima de

---

<sup>14</sup> Butler (2020) argumenta que a igualdade formal liberal ignora as diferenças materiais e simbólicas que estruturam a sociedade, propondo o reconhecimento da vulnerabilidade e da interdependência como fundamentos éticos. A noção de *grievability* (lamentabilidade), central em sua abordagem, enfatiza que todas as vidas devem ser igualmente valorizadas, desafiando as hierarquias normativas que naturalizam a exclusão. Inspirando-se em F. Fanon, Butler conecta a violência estrutural à desumanização promovida por sistemas coloniais e contemporâneos, destacando a necessidade de resistir às estruturas sociais que justificam a desigualdade. Essa crítica ecoa as noções foucaultianas de biopolítica, apontando para uma ética relacional que transcenda o individualismo e promova a proteção de vidas marginalizadas.

Deus”, não apenas rejeita o liberalismo teológico — que, ao reduzir a religião a mero sentimento, empobrece a experiência do sagrado —, mas também se distancia da alteridade barthiana: “O interesse religioso na transcendência divina não é satisfeito onde se afirma, com razão, a transcendência infinita do infinito sobre o finito” (Tillich, 1987, p. 221).

Por outro lado, um universo sem fundamento último é inconcebível a ele. Nessa perspectiva, Tillich (1987) propõe que a experiência de Deus não se limite à transcendência clássica, mas se manifeste como *fundamento do ser* — um princípio último que sustenta a transformação e permite o encontro humano com a profundidade da realidade. Aliás, esse olhar amplia o horizonte teológico ao integrar mistério e imanência como constituintes da experiência do Sagrado.<sup>15</sup> No entanto, seu vínculo residual com um *ultimate concern* (fundamento-enquanto-preocupação) ainda operaria como forma de legitimação transcendental, tensionando sua plena adequação a paradigmas éticos não fundacionais — nos quais a legitimidade desloca-se, em termos derridianos, da busca por um alicerce último para o campo da promessa do *l’â-venir* (porvir que jamais se cumpre plenamente).

Leonardo Boff, por sua vez, propõe uma teologia da transcendência profundamente enraizada na imanência do cuidado e da vida (Boff, 2009). Em sua perspectiva ecológica e relacional (Boff, 2003), o divino se expressa como força vital de comunhão e transformação do mundo: “transparência é o termo que traduz a inter-retro-relação da imanência com a transcendência. A transparência é transcendência dentro da imanência e imanência dentro da transcendência” (Boff, 1997, p. 172). Embora essa visão ressoe com o pós-teísmo em sua crítica à separação entre Criador e criação, ela conserva uma dimensão transcendental como

---

<sup>15</sup> Tillich propõe o conceito de *fé corajosa* para reconciliar ambiguidades existenciais (Tillich, 1976) e apresenta o Espírito como força redentora que transforma as tensões individuais e sociais. Para Tillich (1987), o Reino de Deus é um horizonte de esperança histórica e coletiva, e a teologia, ancorada na *preocupação última*, transcende círculos religiosos ao oferecer uma compreensão universal da busca pelo sentido humano.

horizonte orientador — o que também pode representar uma limitação frente à radicalidade exigida pelo colapso do “grande Outro”.

Se, em Boff, a transcendência se enraíza na imanência do cuidado como força vital que ancora a ética, em Žižek (2013) esse mesmo horizonte é radicalmente esvaziado, pois toda referência transcendente é deslocada para a negatividade constitutiva do acontecimento sem garantias: “A inexistência do grande Outro indica que cada edifício moral e/ou ético tem de ser fundamentado em um ato abissal que é, no sentido mais radical que se possa imaginar, *político*” (2013, p. 597). Assim, Slavoj Žižek denuncia qualquer tentativa de preservar traços de transcendência, ao nível da discursividade, como uma forma de eliminar a negatividade constitutiva do real.

Segundo o filósofo esloveno, a ética só pode emergir verdadeiramente a partir da aceitação da ausência de garantias últimas, assumindo a falta estrutural como condição inescapável da subjetividade e da ação: “Assim como ocorre com a Predestinação, que nos condena à atividade frenética, o Acontecimento é um *signo-puro-vazio*, e precisamos trabalhar para gerar seu significado” (Žižek; Gunjević, 2015, p. 33). Essa crítica, embora provocativa e instigante, não está isenta de desafios: ao rejeitar qualquer referência fundacional, corre o risco de dissolver critérios normativos mínimos, expondo a prática ética a um relativismo radical (ou mesmo a um cinismo performativo).

Ao que parece, deparamo-nos com os mesmos desafios apontados pelo papa Bento XVI. Parafrazeando Ratzinger (Habermas; Ratzinger, 2007), impõe-se aqui uma pergunta legítima: a desconstrução, ela própria, não poderia converter-se numa *hybris* autodestruidora da razão? Ao que Eagleton (2011) responderia: “Para defendermos a razão, temos que ser inspirados por algo mais que a razão” (2011, p. 119)<sup>16</sup>. E não seria esse “algo mais” justamente o que Tillich nomeava como profundidade do ser?

---

<sup>16</sup> Terry Eagleton, em *O debate sobre Deus: razão, fé e revolução*, discute as ambiguidades da razão moderna ao problematizar sua natureza substantiva e processual. O autor questiona se a razão não

Nesse horizonte, repensar o Cristianismo em chave pós-teísta exige mais que o mero abandono da transcendência; requer, acima de tudo, um enfrentamento dialético entre as múltiplas tentativas de superá-la, avaliando-as tanto por suas promessas quanto por seus impasses. Em vez de aderir a uma posição única, o caminho ético talvez consista em sustentar uma tensão criativa entre a imanência e uma transcendência ressignificada, sem erguer qualquer delas a critério normativo exclusivo<sup>17</sup>.

No contexto global de pluralismo religioso, a noção de *hospitalidade* incondicional de Derrida (1997a, 1997b) oferece uma abordagem que transcende normatividades culturais ou religiosas, enfatizando o acolhimento do outro como um horizonte ético radicalmente aberto. Essa perspectiva converge com a ética relacional de Butler ao valorizar a diferença como fundamento para uma convivência mais justa e inclusiva, subvertendo lógicas institucionais que condicionam o acolhimento.

Finalmente, Habermas introduz uma tensão original ao exigir que as contribuições religiosas à esfera pública sejam mediadas por uma tradução secular. Se, por um lado, essa condição cria um espaço democrático inclusivo, por outro, desafia o Cristianismo — e quaisquer tradições religiosas — a ressignificar seu impacto ético sem perder singularidade. A reciprocidade é crucial: “Uma cultura política liberal pode até esperar dos cidadãos secularizados que participem de esforços de traduzir as contribuições relevantes em linguagem religiosa para

---

seria, em última análise, uma tentativa de totalização (e se ela reflete uma versão reciclada de mitologias que buscaram historicamente eliminar a superstição). Eagleton (2011) observa que, mesmo antes de o ser humano raciocinar plenamente, o mundo já era considerado inteligível, ressaltando a complexa relação entre razão, intuição e experiência. Além disso, o autor contrasta as associações da razão ao bom senso e à moderação, promovidas por racionalistas, com as associações à revolução e ao radicalismo, como nos casos de John Milton e os jacobinos. Tais reflexões destacam a tensão entre a moderação e o impulso revolucionário como aspectos constitutivos da construção histórica da razão.

<sup>17</sup> Num movimento de curto-circuito teórico, essa perspectiva faz eco tanto à pericórese cósmica de Leonardo Boff, que vê o sagrado pulsando no interior do mundo, quanto ao “correlacionismo” de Paul Tillich, para quem o divino se revela precisamente na dialética entre o finito e o infinito.

uma linguagem que seja acessível publicamente” (Habermas; Ratzinger, 2007, p. 57).

### **3.2 Casos concretos: teologias públicas, Kirk, WCRC e iniciativas calvinistas brasileiras**

Como se observou, Derrida, Butler e o próprio Habermas convergem na defesa de uma ética pluralista, em que diferentes tradições de fé podem oferecer recursos normativos, desde que permaneçam abertas ao diálogo racional e à revisão crítica de seus fundamentos. Para ilustrar, na prática, como as dinâmicas hegemônicas se reconfiguram no interior do calvinismo contemporâneo, apresento quatro conjuntos de experiências recentes. A primeira diz respeito à emergência das chamadas *teologias públicas*, que representam uma tentativa de responder à crise gerada pelo colapso contemporâneo dos fundamentos transcendentais da ética e da teologia (Kaemingk, 2023). Essas abordagens deslocam o Cristianismo de uma posição normativa e autorreferencial para um espaço dialógico, mais sensível às exigências da modernidade tardia. Influenciadas por paradigmas como o pós-teísmo e a desconstrução, as teologias públicas vão além das práticas ecumênicas tradicionais.

Em Kaemingk (2023), exemplos como centros de acolhimento inter-religiosos, liturgias participativas e programas de cuidado pastoral inclusivo exemplificam como as tradições cristãs podem atuar na esfera pública sem recorrer a reivindicações transcendentais, mas, ao contrário, baseando-se em relações concretas e compromissos imanentes. Nesse contexto, o engajamento com questões contemporâneas, como justiça climática, diversidade de gênero e solidariedade comunitária, emerge como um campo privilegiado para essas teologias.

A criação de currículos educativos que priorizam a ética relacional, a participação em fóruns cívicos e o investimento em práticas ecológicas mostram como o Cristianismo pode ocupar uma posição relevante no debate público,

articulando-se em torno da ideia de hospitalidade incondicional, conforme proposta por Derrida, e da precariedade compartilhada, segundo Butler. Essas práticas não apenas respondem às necessidades concretas de uma sociedade plural, mas também reafirmam a possibilidade de uma ética cristã situada, capaz de lidar com as desigualdades estruturais sem perder sua identidade.

Portanto, as teologias públicas preenchem a lacuna deixada pela ausência de garantias transcendentais ao reposicionar o Cristianismo como um interlocutor crítico e transformador na esfera pública. Ao invés de operar como um repositório de verdades universais, essas teologias promovem um Cristianismo dinâmico, comprometido com a alteridade, a diferença e a justiça social. Essa transformação ressignifica a tradição cristã como uma força ética e política que não se limita à preservação do passado, mas que se projeta no futuro como uma prática de acolhimento e renovação contínua em diálogo com as complexidades do mundo contemporâneo.

No plano internacional, a cartilha *Diverse Gender Identities and Pastoral Care*, da Igreja da Escócia, exemplifica um *aggiornamento* pastoral alinhado à hospitalidade incondicional derridiana, tratando identidades de gênero com inclusão e acolhimento. Assim, a cartilha da Igreja da Escócia (2021) não apenas exemplifica um modelo de rearticulação do Cristianismo no contexto da modernidade tardia, mas também destaca como a prática religiosa pode ser um agente ativo na construção de uma sociedade mais justa e plural.

As implicações práticas dessa abordagem são profundas. Sob a ótica da desconstrução, a teologia é convocada a assumir um compromisso ético com práticas inclusivas e a promover uma hospitalidade incondicional. Isso demanda não apenas a abertura às vozes de minorias e às tradições religiosas diversas, mas também a transformação de práticas e instituições teológicas em espaços de acolhimento genuíno. Inspirada pela ética derridiana, a hospitalidade incondicional requer que a teologia transcenda normatividades excludentes,

adotando uma postura de cuidado, escuta e reconhecimento do outro em sua singularidade<sup>18</sup>.

Assim, ao incorporar a diferença, a alteridade e a desconstrução como fundamentos éticos e epistemológicos, a teologia reafirma sua relevância no contexto da modernidade tardia e se reposiciona como um discurso dinâmico e transformador. Longe de ser um relicário de certezas, a teologia passa a desempenhar um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa e plural. Essa abordagem redefine a prática teológica e promove uma ética que coloca a diferença e a alteridade no centro de sua reflexão e ação, oferecendo uma contribuição crítica e criativa ao debate contemporâneo sobre fé, ética e pluralidade.

Além disso, igrejas vinculadas à Comunhão Mundial das Igrejas Reformadas adotam compromissos de justiça social que abarcam a igualdade de gênero e o enfrentamento de opressões estruturais. Autores da *Reformed World* — como Arce-Valentín e Peacock (2017) — defendem uma igreja transformadora, coerente com a Confissão de Accra (2004), que denuncia desigualdades econômicas, ecológicas e de gênero (WCRC, 2022).

No Brasil, coletivos como “Resistência Reformada” e “Ecclesiae Renovare” reinterpretam a tradição calvinista à luz de direitos humanos, propondo respostas ao racismo, sexismo e outras injustiças. A emergência de lideranças femininas e negras questiona hierarquias históricas e fornece novas lentes hermenêuticas. Denominações presbiterianas mais abertas ao debate teológico contemporâneo, como a IPU - Igreja Presbiteriana Unida e experiências eclesiais mais inclusivas, ainda que minoritárias, como a Igreja Presbiteriana da Praia de

---

<sup>18</sup> No *Seminário de Capri*, Jacques Derrida argumenta que a *desconstrução* não é hostil à religião, mas constitui uma forma de pensar criticamente suas estruturas e categorias. Ele examina como conceitos fundamentais da teologia cristã, como “fé” e “promessa”, podem ser reinterpretados à luz da *desconstrução*. Um dos conceitos centrais explorados é o de hospitalidade incondicional, que Derrida conecta tanto à ética quanto à teologia. Nessa perspectiva, a verdadeira hospitalidade transcende condições e abre espaço para o outro em sua alteridade radical (Derrida; Vattimo, 2018).

Botafogo, no Rio de Janeiro, explicitam há anos dinâmicas de ressignificação do discurso reformado. Esses casos ilustram, portanto, o potencial da desconstrução para reposicionar eticamente o cristianismo, objetivo-chave deste artigo. Esses quatro eixos confirmam, na prática, a hipótese deste estudo: a negatividade constitutiva do discurso cristão é catalisadora de justiça plural.

### **Considerações finais**

Este estudo investigou a relação entre Cristianismo e desconstrução, articulando o conceito de pós-teísmo como um horizonte teórico para responder aos desafios éticos e políticos da modernidade tardia. Argumentou-se que o colapso dos fundamentos transcendentais não representa apenas uma crise, mas uma oportunidade para o desenvolvimento de uma ética imanente, fundamentada na interdependência e na hospitalidade radical. Tal reposicionamento teórico destaca o potencial transformador do Cristianismo enquanto prática discursiva, capaz de contribuir para a construção de espaços mais inclusivos e democráticos.

A partir do diálogo com Jacques Derrida, Slavoj Žižek e Judith Butler, este artigo enfatizou a importância de conceitos como precariedade compartilhada, hospitalidade incondicional e negatividade constitutiva para a elaboração de uma ética cristã que responda às demandas contemporâneas. A obra de Paul Tillich e Leonardo Boff também foi mobilizada para explorar as potencialidades e os limites de modelos teológicos que tentam ressignificar a transcendência no contexto do pós-teísmo. Enquanto esses modelos oferecem *insights* valiosos, suas vinculações com categorias metafísicas tradicionais destacam a necessidade de uma ruptura mais radical com os fundamentos transcendentais.

Ademais, a utilização de ferramentas da teoria do discurso e da genealogia demonstrou como o Cristianismo pode ser compreendido como uma formação discursiva historicamente atravessada por disputas hegemônicas e aberta a ressignificações. Essa perspectiva é essencial para superar as pretensões universalistas e autorreferenciais que historicamente marcaram a tradição cristã,

permitindo que ela se repositone como um interlocutor crítico e dinâmico no cenário pós-secular.

O reposicionamento do Cristianismo em bases éticas e imanentes oferece um horizonte promissor para sua atuação na esfera pública. Abandonando a dependência de fundamentos transcendentos e adotando uma postura responsiva à pluralidade e à diferença, o Cristianismo pode reafirmar sua relevância como um agente de transformação social. Isso implica não apenas a abertura ao diálogo inter-religioso, mas também o compromisso ativo com a justiça social, a inclusão e a hospitalidade radical.

Finalmente, ao ressignificar suas categorias teológicas e reposicionar-se como um discurso dinâmico e responsivo, o Cristianismo pode contribuir para a construção de uma convivência mais justa e plural no mundo contemporâneo. Tal transformação não significa a perda de sua identidade, mas um enriquecimento que reafirma sua vocação ética e política frente aos desafios do presente. Essa abordagem propõe não apenas um Cristianismo renovado, mas também uma visão de mundo em que a diferença e a alteridade ocupam o centro das práticas discursivas e sociais, configurando uma teologia verdadeiramente relevante para os tempos atuais.

## **REFERÊNCIAS**

- AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos: Homo Sacer IV, 2*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- AGAMBEN, Giorgio. *Signatura Rerum: sobre o método*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- ARCE-VALENTÍN, Dora. Foreword. *Reformed World*, Genebra, v. 66, n. 2, 2017. Disponível em: <https://wrcr.eu/wp-content/uploads/2024/04/ReformedWorld-66-2.pdf> . Acesso em: 25 set. 2024.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: Uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência: o ser humano como projeto infinito*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BUTLER, Judith. *The Force of Nonviolence: an ethico-political bind*. London: Verso, 2020.

BUTLER, Judith; HABERMAS, Jürgen; TAYLOR, Charles; WEST, Cornel. *The Power of Religion in the Public Sphere*. New York: Columbia University Press, 2011.

CALVINO DISTANTE. *Blog Calvinho Distante*. Disponível em: <https://calvinodistante.blogspot.com/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã: Tomo I, Livros I e II*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã: Tomo II, Livros III e IV*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CASANOVA, José. *Public religions in the modern world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CAVALCANTE, Ronaldo. *A Cidade e o Gueto: Introdução a uma Teologia Pública Protestante e o Desafio do Neofundamentalismo Evangélico no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

CHURCH OF SCOTLAND. *Diverse gender identities and pastoral care*. Edinburgh: Church of Scotland, 2021. Disponível em: <https://www.churchofscotland.org.uk/resources/learn/publications/diverse-gender-identities-and-pastoral-care>. Acesso em: 05 jan. 2025.

DANTAS, Martorelli. Cristianismo e Desconstrução. *Teologia de Mesa de Bar [YouTube]*, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/4pTmJrqsZGI?si=i41moB6bo0fiuM6U>. Acesso em: 6 jan. 2025.

DERRIDA, Jacques. “Cogito e a história da loucura.” In: FERRAZ, Maria Cristina Franco (Org.). *Três tempos sobre a história da loucura*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

DERRIDA, Jacques. *Adieu à Emmanuel Lévinas*. Paris: Galilée, 1997b.

DERRIDA, Jacques. *De l'hospitalité*. Paris: Calmann-Lévy, 1997a.

DERRIDA, Jacques; RORTY, Richard; CRITCHLEY, Simon; LACLAU, Ernesto. *Desconstrução e Pragmatismo*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2018.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (Org.). *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EAGLETON, Terry. *A morte de Deus na cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

EAGLETON, Terry. *O debate sobre Deus: razão, fé e revolução*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GAUCHET, Marcel. *A democracia contra ela mesma*. São Paulo: Radical Livros, 2009.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS; RATZINGER. *Dialética da secularização*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HICK, John. *Teologia Cristã e Pluralismo Religioso: o arco-íris das religiões*. São Paulo: Attar Editorial; Juiz de Fora: PPCIR/UFJF, 2005.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *iCalvinus: plataforma de acesso a documentos e ferramentas*. Disponível em: <https://www.executivaipb.com.br/ferramentas/icalvinus> . Acesso em: 6 jan. 2025.

KAEMINGK, Matthew (Org.). *Teologia pública reformada: uma visão abrangente para a vida*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e estratégia socialista*. São Paulo: Intermeios, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

PEACOCK, Phillip. Some insights on imago Dei in the light of our present context. *Reformed World*, Genebra, v. 66, n. 2, 2017. Disponível em: <https://wrcr.eu/wp-content/uploads/2024/04/ReformedWorld-66-2.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.

REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (orgs.). *Reforma: tradição e transformação*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2016.

SMITH, James K. A. *Como (não) ser secular: lendo Charles Taylor*. São Paulo: Monergismo, 2021.

SOUZA, Robson da Costa de. A tradição calvinista é intolerante? Uma breve contribuição à análise crítica da autorreferencialidade reformada. *Reflexão*, v. 45, e204792, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a4792> .

SOUZA, Robson da Costa de; SILVA, Jefferson Evânio da. Conservadorismos, fundamentalismo protestante e democracia no Brasil: uma compreensão em chave pós-estruturalista. *Religião e Sociedade*, v. 42, n. 1, p. 37-60, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v42n1cap02> .

SOUZA, Robson da Costa de; SILVA, Jefferson Evânio da. Pós-estruturalismo e religião: a ética calvinista em relação à temática mais abrangente da teologia política contemporânea. *Reflexão*, v. 48, e237281, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v48a2023e7281> .

SOUZA, Robson. Cristianismo e desconstrução: fé, diferença e esfera pública em perspectiva teórica e prática. *ResearchGate*, 2024. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/385977974\\_Cristianismo\\_e\\_desconstrucao\\_fe\\_diferenca\\_e\\_esfera\\_publica\\_em\\_perspectiva\\_teorica\\_e\\_pratica](https://www.researchgate.net/publication/385977974_Cristianismo_e_desconstrucao_fe_diferenca_e_esfera_publica_em_perspectiva_teorica_e_pratica). Acesso em: 6 jan. 2025.

SOUZA, Robson. *Gênero e ideologia entre evangélicos brasileiros*. São Paulo: Intermeios, 2019.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *A monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2008a.

ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008b.

ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. *O absoluto frágil ou Por que vale a pena lutar pelo legado cristão?* São Paulo: Boitempo, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj; GUNJEVIĆ, Boris. *O sofrimento de Deus: Inversões do Apocalipse*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj; MILBANK, John. *A monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?* São Paulo: Três Estrelas, 2014.

Recebido em: 27/01/2025.

Aprovado em: 21/07/2025.